

## Rinaldo de Fernandes e a inquietante escrita do mal

Frederico de Lima Silva \*

Graduação em Letras (Licenciatura Plena em Língua Portuguesa) pela Universidade Federal da Paraíba; Especializações em Teoria Psicanalítica, Literatura Brasileira e Literatura Contemporânea pela União Brasileira de Faculdades; e Mestrado em Letras (Literatura, Teoria e Crítica) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). É doutorando em Letras (Literatura, Teoria e Crítica) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, com bolsa da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ-PB).

 <https://orcid.org/0000-0002-0603-7635>

**Recebido em:** 11 jun. 2022. **Aprovado em:** 15 dez. 2022.

### Como citar esta resenha:

SILVA, Frederico de Lima. Rinaldo de Fernandes e a inquietante escrita do mal. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 11, n. 4, p. 205-211, dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8048120>

FERNANDES, Rinaldo de. *A Paixão Mortal de Paulo*. - 1. Ed. - Rio de Janeiro: 7Letras, 2020, 184 p.

*A Paixão Mortal de Paulo*, do escritor maranhense radicado na Paraíba, Rinaldo de Fernandes, é uma amostra contundente de escrita da crueldade humana; lugar comum na produção literária do autor, na qual ele, de forma inédita, afasta-se, até certa medida, de uma estrutura do conto que se aproxima de seu clássico entendimento — a saber, sobretudo pela maior extensão narrativa, uma espécie de novela ou romance curto —, para dar lugar a tessitura de uma prosa condensada em conteúdo textual, mas que preserva e salienta a tensão própria do gênero.

Rinaldo de Fernandes é um autor que, embora a academia e grande parte da crítica especializada ainda lhe seja devedora, conseguiu angariar elogios muito expressivos de nomes muito importantes dos estudos literários, bem como de célebres autores da literatura brasileira contemporânea, dos quais, alguns cumprem-me destacar, como o comentário de Moacyr Scliar no prefácio da coletânea de contos *O Perfume de Roberta*, publicado em 2005, pela Editora

---

\*

 [fredlimaufpb@hotmail.com](mailto:fredlimaufpb@hotmail.com)

Garamond, em que o “Médico das Letras” assinala os contos presentes na referida obra como sendo “[...] o trabalho de um artista consumado, que trabalha o gênero com grande talento e seriedade” (SCLIAR apud FERNANDES, 2005, p. 10).

Regina Zilberman (2010), ao tecer sua impressão acerca de *O Professor de Piano*, publicado pela Editora 7Letras, em 2010, destaca que Fernandes é “um mestre do conto”, comparando a capacidade de arremate do contista paraibano àquilo que fora classificado por Edgar Allan Poe no tocante ao efeito fulminante da escrita poética, “cuja apropriação se faz de uma só vez”, isto é, “a leitura dos contos de *O Professor de Piano* supõe um ato único por parte de seu destinatário, que não interrompe a sua apreensão dos eventos apresentados antes de chegar ao seu final” (ZILBERMAN apud FERNANDES, 2010, p. 94).

Além de Regina Zilberman, a ficção de Rinaldo já recebeu comentários críticos de outros profícuos estudiosos da literatura nacional, tais como Alcir Pécora, Silviano Santiago, Sônia Lúcia Ramalho de Farias, Luís Augusto Fischer, José Castelo, Adriano Espínola, Mário Chamie, Marcelo Coelho, Carlos Gildemar Pontes, Luiz Antonio Mousinho Magalhães bem como internacionais; caso da ensaísta italiana Silvia Marianecci, com sua resenha *Nordeste: paraíso o purgatório*, em que destaca a qualidade de criação dos conflitos internos e a busca de uma identidade por parte das personagens fernandianas.

Em seus 112 textos curtos, entre mini e microcontos, *A Paixão Mortal de Paulo* nos oferta uma gama plurissignificativa e multifacetada daquele elemento tão inscrito na história humana, responsável não só pela fundamentação do processo civilizatório como forma de assegurar a manutenção da existência minimamente pacífica entre os sujeitos, como, paradoxalmente, aquilo que representa a maior ameaça a sua existência: a agressividade, a qual pode ser nomeada de diversas maneiras, sem que, com isso, perca a sua essência, como é o caso de seus derivativos crueldade e violência, os quais me permitirei citar aleatoriamente nesta resenha, levando em consideração esse aspecto sinonímico.

Em cada narrativa que a compõe, a obra permite vislumbrar, ora de forma atenuada e latente, ora visceral e explicitamente, a plasticidade com que a crueldade humana opera na costura dos laços sociais, o que consubstancia, sobremaneira, a visão/o alerta do fundador da psicanálise, Sigmund Freud, já nas primeiras décadas do século passado, em seu argumento no que concerne à instabilidade dos desejos humanos frente aos cerceamentos impostos pelo projeto civilizatório; conflito que expõe, a todo momento, o risco de destruição do homem pelo próprio homem,

sintetizada pelo pai do método psicanalítico através da célebre máxima do filósofo Plauto, “*homo homini lupus*”, isto é, o homem é o lobo do homem (FREUD, 1969 [1930], p. 133).

Os estudos que concatenam o binômio literatura e psicanálise, inclusive, são os que estão ganhando maior destaque na produção acadêmica em torno da obra de Fernandes, precipuamente graças aos trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa Literatura, Gênero e Psicanálise (LIGEPSI-UPFB-CNPq), coordenado pelo Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues, o qual vem desenvolvendo, há quase uma década, pesquisas em nível de graduação e pós-graduação no tocante às representações dos conflitos psíquicos presentes nas narrativas do autor, com foco nas manifestações de caráter perverso de suas personagens; substância que parece corresponder ao mote nuclear de sua criação ficcional.

*A Paixão Mortal de Paulo* nasceu de projeto *Livro dos 1001 microcontos*, em que o autor publicou, durante três anos (2003-2006), algo em torno de quatro textos semanais dos gêneros mini e microcontos na rede social Facebook, do qual extraiu aqueles que considerou como os 112 melhores para integrar a coletânea, que pode ser classificada como o resultado de um processo de experimentação artístico-criativa do escritor paraibano. Em entrevista ao crítico e poeta Linaldo Guedes, Fernandes pontuou o teor experimental do projeto que deu origem à coletânea, afirmando que *O Livro dos 1001 microcontos*, entre outros propósitos, funciona como um laboratório para o desenvolvimento da escrita de contos breves, bem como um meio instantâneo de recepção da crítica de seu público leitor. Nas palavras do autor, “*O Livro dos 1001 microcontos*, assim, não é literatura ainda, é projeto de literatura. É um esboço, um borrão, um primeiro movimento para o texto literário. Embora nele já apareçam uns tantos contos bem realizados” (GUEDES, 2020).

Devido à inviabilidade de se realizar um comentário que abarque todos os textos que compõem *A Paixão Mortal de Paulo*, seja pela sua constituição numerosa, seja pelo fato de que há muitas vias e representações contingenciadas, opto por trazer alguns testemunhos das minhas leituras, as quais se alicerçaram tanto em uma visão comparativa quanto de viés psicanalítico, sem obedecer à ordem de apresentação dos textos na coletânea, e sim de acordo com as peculiaridades que verifiquei durante os processos de leitura e análise.

Isso posto, início os meus apontamentos a partir da narrativa *Luana e Rosa*, a única dentre os 112 textos que não pertence ao enquadramento de mini ou microconto, pois ultrapassa e muito a compressão textual ao se apresentar em suas mais de dez páginas, o que a torna mais condizente com a morfologia do conto clássico. A narrativa tem como epígrafe uma passagem de *A meningite e sua sombra*, do insigne escritor uruguaio Horacio Silvestre Quiroga Forteza, ou

simplesmente Horacio Quiroga, a qual cito: “Explicação? Nenhuma. Nem a mínima explicação. O que você quer que se saiba disso?”

A menção ao contista uruguaio não ocorre à toa, isso porque *Luana e Rosa* conserva em seu tecido a mesma matéria das linhas quiroguianas, ao trazer em sua textura o estilo permeado pela associação entre o fantástico e o macabro. Maria Luiza Teixeira Batista, professora de Literaturas Hispano-americanas da Universidade Federal da Paraíba, salienta esse alinhamento na composição da narrativa, afirmando, no prefácio de *Cem anos de amor, loucura e morte*, que o referido conto de Fernandes “recupera o *leitmotiv* do conto quiroguiano e recria o clima alucinatório de *La Meningitis y su sombra*. Em ambos os relatos, as personagens se veem envolvidos em uma situação constrangedora: são vítimas dos delírios de uma moribunda” (BATISTA, 2017, p. 13). Outro importante ponto é que, devido à qualidade de *Luana e Rosa*, que foi publicado previamente e a parte do projeto *Livro dos 1001 microcontos*, Regina Zilberman o indicou para publicação no site de uma universidade americana, como texto modelo para prosa brasileira contemporânea.

Em *A mulher que sequestrou Chico Buarque*, vê-se um microconto de elevada efígie erótica, que evidencia certa destreza do autor em seu uso semântico-representativo do jogo simbólico de palavras. Não obstante, há também uma peculiaridade que circunscreve o próprio título da narrativa. A priori, a coletânea portaria o mesmo nome desse microconto, todavia, após submeter os originais à editora, entendeu-se que poderia haver problemas no tocante à figura de Chico. Partindo da premissa de interação com o público que fundamentou a confecção da obra, Fernandes optou por realizar uma enquete entre os seus leitores, na qual *A Paixão Mortal de Paulo* foi o título escolhido.

No excruciante *Eu tenho vergonha de minha mãe*, é custoso não ser remetido à obra *Caolha*, de Júlia Lopes de Almeida, autora que parece influenciar muito da escrita inquietante, de incômodo, de Fernandes, e da qual sua contística é um modelo representante, na contemporaneidade, do nicho literário principiado por Almeida na literatura brasileira. Em ambas as narrativas, vislumbra-se como os efeitos psicológicos provenientes do tipo de violência que hoje denominamos de *bullying* afeta não só as relações do extrato social dos sujeitos, mas, sobretudo, seus laços primários com o mundo, configurados, também em ambos os textos, tanto no de Almeida quando no de Fernandes, a partir da figura da mãe.

Dentre as muitas outras questões passíveis de reflexão, *Eu tenho vergonha de minha mãe* fomenta algo de muito caro na contística de Fernandes, que é a crítica a perversão dos laços

sociais oriunda do modelo capitalista de objetificação dos sujeitos. A narrativa sublinha como certas características da mãe do protagonista, todas elas com caráter depreciativo, são decisivas para iniciar e alimentar a ojeriza em relação à sua genitora: “Eu tenho vergonha porque um colega meu de classe já cochichou para um outro o que eu mesmo sei, que minha mãe é feia” (FERNANDES, 2020, p. 45), o que nos mostra como, na estética do capital, a visão do belo está atrelada a modelos de sujeitos que distanciam, estereotipam e segregam o não fetichizado pelo padrão, como fica evidente nas palavras do protagonista ao término do texto: “Se vejo ela, de longe, entrando no portão, eu disfarço, desço para a quadra, ou me oculto detrás de uma coluna. Difícil que ela me ache. Eu peço até perdão a Deus, mas, desde que os meninos cochicharam, eu não consigo ficar junto de minha mãe [...]” (FERNANDES, 2020, p. 45).

As plurimanifestações da violência no cotidiano, sem dúvida, compõe o que há de mais distintivo na escrita do autor paraibano, indo não apenas do embate comum entre os sujeitos, mas ao nível da essência do cruel que faz parte, como chamaria a psicanalista francesa Elizabeth Roudinesco (2008), da parte obscura de nós mesmos, isto é, como somos, no bojo de nossa constituição subjetiva, propensos aos atos mais hediondos, bastando, para isso, sermos tocados em algo de nossa natureza particular que desencadeie uma distorcida necessidade de extrapolação, de recusa aos fundamentos da civilização.

Essa tendência, muito presente em toda a literatura de Fernandes, pode ser facilmente testemunhada na narrativa *A morte da música*, a qual retrata um cenário, até hoje, não raro de se observar, em especial para quem habita ou tem contato com as regiões interioranas do nordeste, mesmo que, obviamente, não seja um panorama exclusivo a essas localidades, que é a crueldade de alguns indivíduos no que toca à sua relação com os animais silvestres. O conto deixa vestígios claros que não se trata da morte do animal para subsistência, como ainda ocorre no interior, mas da pura satisfação daquilo que o célebre Sigmund Freud sinalizou como elemento da pulsão de morte, a crueldade, a tendência à anulação do outro ser enquanto integrante do mundo.

Uma das passagens do microconto que melhor personifica essa crueldade como desmedido que provoca o apagamento da alteridade do outro ser é aquela em que o protagonista, após descrever como nutria afeição por um pássaro que rotineiramente vinha cantar em sua mão, relata o fato de tê-lo matado porque estava acometido por uma tristeza profunda, fruto da perda de sua mãe. O destino dado ao pássaro foi o de ser dilacerado em uma cerca de arame farpado, conforme descrito na passagem: “Um dia o levei para o sítio, para ver o rio [...]. Mas minha mãe tinha morrido, eu queria alguma melodia para escorrer de meus dedos [...]. Ainda largou um piado.

Um sonoro piado de desespero, como que me convocando para aperta-lhe o sangue, conter-lhe as veias espirrando” (FERNANDES, 2020, p. 139).

Rinaldo de Fernandes, em *A Paixão Mortal de Paulo*, apresenta um registro daquilo que há de mais ordinário e incômodo na vivência social, deixando claro como sua escrita está eivada do mais puro substrato do conto brasileiro contemporâneo, que nos atualiza, com suas metáforas, símbolos e subterfúgios próprios da produção ficcional, os dilemas dos indivíduos no hodierno. Temos aqui uma coletânea que salienta a posição de Fernandes junto a outros notáveis da terra produção contística brasileira, a exemplo de Rubens Fonseca, Dalton Trevisan e Marçal Aquino, cuja abordagem da violência assume contornos não apenas de mote, mas também de organização formal e estética.

Como fotógrafo do mal-estar contemporâneo, Fernandes expõe em seus mini e microcontos como a “experiência urbana se dá simultaneamente como inscrita pela lógica estrutural da cidade como fator de controle dos conflitos sociais e como expressão visível deste caos que brota e se prolifera à margem da ordem” (SCHOLHAMMER, 2000, p. 252), isto é, a incapacidade que os sujeitos sociais encontram diante das exigências civilizatórias fundadas em promessas insustentáveis de bem-estar e o impasse frente às suas próprias demandas de satisfação; cenário que coloca o ser humano nesse constante estado de tensão, de infelicidade, de busca por reparações sociais e psíquicas que, em muitos casos, excedem as fronteiras pré-estabelecidas pela cultura.

## Referências

BATISTA, Maria Luiza Teixeira. 100 anos de amor, loucura e morte. In: RIBEIRO, Bruno; SHIRUKAYA, Wander (orgs.). *Cem anos de amor, loucura e morte*. Belo Horizonte: Editora Moinhos, 2017, pp. 9-13.

FREUD, Sigmund. (1930). O mal-estar na civilização. In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XXI. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969, pp. 81-171.

GUEDES, Linaldo. Rinaldo lança novo livro de contos e se afirma como mestre da narrativa. In: *Os Guedes*. João Pessoa. 27 de out. de 2020. Disponível em: <<https://www.osguedes.com.br/2020/10/27/rinaldo-lanca-novo-livro-de-contos-e-se-afirma-como-mestre-da-narrativa/>>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2022.

MARIANECCE, Silvia. Nordeste: paraíso o purgatório. In: *Musibrasil: notícias e cultura del Brasile contemporaneo*. Disponível em: <<http://musibrasil.net/2009/12/nordeste-paradiso-o-purgatorio>> Acesso em: 23 de dezembro de 2021.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A Parte Obscura de Nós Mesmos*: uma história dos perversos. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, 223 p.

SCHOLHAMMER, Karl Erik. Os cenários urbanos da violência na literatura brasileira. In: PEREIRA, Carlos Alberto M. (org.) *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. pp. 236-259.

SCLIAR, Moacyr. A arte do conto. (Prefácio). In: FERNANDES, Rinaldo de. *O Perfume de Roberta*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, pp. 9-11.

ZILBERMAN, Regina. Mestre do conto (Pós-fácio). In: FERNANDES, Rinaldo de. *O Professor de Piano*. 1ª ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010, pp. 94.